

Universidades Lusíada

Tavares, João António de Mendonça Vieira Lopes,
1991-

**Recensão : "A Era da Inteligência Artificial e o
nosso futuro humano" de Henry A. Kissinger,
Eric Schmidt, Daniel Huttenlocher**

<http://hdl.handle.net/11067/8107>

<https://doi.org/10.34628/A1QD-2J97>

Metadados

Data de Publicação	2025
Editor	Universidade Lusíada Editora
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 30 (2025)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T01:04:59Z com
informação proveniente do Repositório

**Kissinger, Henry A.; Schmidt, Eric,
& Huttenlocher, Daniel (2021).**

**A ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O NOSSO
FUTURO HUMANO.**

Lisboa: Publicações Dom Quixote

João Tavares

Doutorando em Relações Internacionais pela NOVA FCSH

Investigador Associado no CEAD Francisco Suárez

a2022117390@campus.fcsh.unl.pt

Orcid: 0000-0002-3764-8797

DOI: <https://doi.org/10.34628/A1QD-2J97>

Data de submissão / Submission date: 17.02.2025

Data de aprovação / Acceptance date: 25.03.2025

Numa era de mudanças sem precedentes no sistema internacional, marcado pelo princípio do fim do momento unipolar dos Estados Unidos da América (EUA), esta obra da autoria de Henry Kissinger¹, Eric Schmidt², e Daniel Huttenlocher³ surge em boa altura para provocar o debate necessário em relação aos novos tempos que já chegaram, e que serão marcantes na próxima mudança geopolítica, como consequência direta do aparecimento das novas tecnologias digitais, com especial atenção para a disrupção provocada pela emergência da tecnologia da Inteligência Artificial (IA), ao detalhar o seu uso nas mais diversas indústrias e campos científicos, desde a medicina até à indústria militar, o que está a revolucionar as descobertas científicas e transformar por completo as estratégias militares, sendo do entendimento de ambos autores que a Inteligência Artificial irá influenciar a descoberta de novas aplicações inovadoras, que poderão gerar novos casos de utilização no nosso quotidiano.

Porventura, se esta tecnologia não for controlada, a IA representará múltiplos perigos e várias ameaças para a sociedade huma-

¹ Henry A. Kissinger serviu como 7º Conselheiro de Segurança Nacional (janeiro de 1969 a novembro de 1975), tendo mais tarde sido 56º Secretário de Estado (setembro de 1973 e janeiro de 1977) durante as presidências de Richard Nixon e Gerald Ford. É autor de várias obras no campo das Relações Internacionais. Atualmente é *Chairman* da Kissinger Associates, uma empresa de consultoria internacional.

² Eric Schmidt é um empresário e filantropo. Como *Chief Executive Officer* do Google, ele foi pioneiro na transformação do Google de uma *startup* da *Silicon Valley* para uma empresa tecnológica líder mundial no seu segmento. Schmidt exerceu as funções de *Chief Executive Officer* e *Chairman* da Google (2001 a 2011), mais tarde assumiu os deveres de *Executive Chairman* (2011 a 2018) e, mais recentemente, como *Technical Advisor* (2018 a 2020). Sob a sua liderança, a Google ampliou drasticamente a sua infraestrutura e diversificou as suas ofertas de produtos e serviços, ao mesmo tempo, mantém uma forte cultura de inovação.

³ Daniel Huttenlocher é o *inaugural dean of the MIT Schwarzman College of Computing*. Anteriormente, exerceu as funções de *founding Dean and Vice Provost of Cornell Tech*, a escola de tecnologia da *Cornell University*. Ele tem uma mistura de experiência académica e industrial, tendo sido membro do corpo docente da *Computer Science faculty member* da *Cornell University* e MIT, investigador e gestor da *Xerox Palo Alto Research Center*, *Chief Technology Officer* numa *fintech start-up*. Atualmente, exercer as funções de presidente do conselho da *John D. e Catherine T. MacArthur Foundation*, e faz parte dos conselhos de administração da *Corning Inc.* e *Amazon.com*.

na, desde a criação de discursos falsos ou vídeos falsificados altamente realistas, que podem contribuir para a fabricação de eventos fictícios que podem contribuir para a provocação de problemas de ordem pública, assim como a guerra levada a cabo com recurso da tecnologia da IA pode invadir outros domínios da sociedade humana.

As relações entre os seres humanos e a IA, assim como entre aqueles que utilizam serviços digitais alimentados pela IA, estão a evoluir e terão consequências profundas para os indivíduos, instituições e Estados. A integração da Inteligência Artificial no nosso quotidiano ocorre de forma gradual e discreta. As plataformas das redes sociais que interligam as bases de utilizadores já ultrapassam o tamanho de continentes. Estas bases de dados possuem fronteiras que transcendem as fronteiras estatais, e os interesses destas empresas podem divergir dos interesses dos Estados onde operam, o que reflete o ambiente geopolítico no qual vivemos hoje em dia, com a União Europeia, a Rússia e os EUA a exigirem que as empresas como a *Alphabet*, a *Meta* ou a *Telegram*, por exemplo, tenham os dados dos seus cidadãos nacionais e qualquer informação relacionadas com eles alojados em servidores físicos localizados no seu respetivo território soberano.

Na era da informação de hoje, os seres humanos estão cada vez mais dependentes da tecnologia para fornecer respostas a questões complexas. Sem o contexto adequado, as respostas fornecidas pela IA podem conduzir-nos a conclusões erradas. A reflexão é crucial para transformar informação em conhecimento e conhecimento em sabedoria. Infelizmente, os seres humanos não valorizam a reflexão por falta de paciência e por causa da necessidade impulsiva de responder no momento, de forma quase instantânea. Sem sabedoria, as nossas convicções podem ser enfraquecidas e os nossos ideais podem ser sujeitos a manipulação por parte de uma terceira parte.

Atualmente, a humanidade está a testemunhar e facilitar as mudanças que exigem a nossa atenção inabalável em diversos domínios, tais como a ciência, a cultura, a política e o comércio. A influência da IA tem nos *feeds* das redes sociais e na geração de notícias, de acordo com algoritmo que esteja em funcionamento num

determinado serviço, possui repercussões globais e complexas, uma vez que estamos a falar de uma ferramenta tecnológica que detém o poder de condicionar o comportamento de milhões de pessoas no mundo inteiro.

A descrição do impacto social da IA pelos autores é fornecida através de uma narrativa da cultura popular, através da qual se reitera o argumento de que a IA divide os países em ricos e pobres. Esta divisão ocorre porque todos os produtos de IA são feitos por seres humanos e financiados por entidades políticas ou empresariais. Os produtos são desenvolvidos para realizar um conjunto específico de tarefas, de forma mais eficaz do que se forem executados por seres humanos, o que permite programar um conjunto de dados específicos, o que pode contribuir para a IA ser distorcida por causa de preconceitos por parte dos programadores, como já se verificou em ferramentas digitais como é o caso do *ChatGPT* da *OpenAI*.

É importante destacar que o desenvolvimento da IA vai requer uma enorme capacidade de processamento de dados, o que vai exigir a formação de cientistas da computação cada vez mais qualificados, assim como uma enorme capacidade de investimento. Juntamente com o relato descritivo sobre desenvolvimentos sociais desiguais, este livro coloca a questão em cima da mesa sobre quem controla os dados, e vai controlar os recursos tecnológicos digitais no mundo.

Em relação às implicações geopolíticas da IA, os autores chamam atenção para o facto dos Estados, principalmente as grandes potências, estarem cientes de que estão perante uma transformação revolucionária e estratégica tão profunda como foi o advento das armas nucleares, mas com consequências mais diversas, difusas e imprevisíveis, uma vez que as mudanças provocadas pela IA não se limitam às fronteiras geográficas de um Estado soberano, mas envolvem o mundo todo. Quase todas as plataformas tecnológicas são desenvolvidas pelas indústrias sediadas nos EUA e na China, e são utilizadas em todos os países. Estamos perante uma situação onde os Estados clientes são aqueles que importam as tecnologias da IA, sendo consumidores de produtos de IA cujas empresas proprietá-

rias estão sob a jurisdição direta dos governos dos Washington e Pequim, o que fornece a ambas grandes potências uma quantidade massiva de informação, que serão instrumentalizados pelos respectivos governos, de acordo com o seu respetivo interesse nacional.

Como adepto da *Realpolitik*, Henry Kissinger, em conjunto com Schmidt e Huttenlocher, alertam os seus leitores para o facto de que as relações entre Estados no sistema internacional se encontrem mergulhadas num paradoxo, no qual os Estados têm de maximizar o seu poder em termos de segurança e, ao mesmo tempo, limitar a corrida armamentista para manter a paz e assegurar a segurança internacional. Este paradoxo é compreendido na esteira da lógica das armas nucleares e da forma como os Estados reagem às armas nucleares enquanto instrumento de dissuasão, sem esquecer o propósito da celebração do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares de 1968, que desencorajou o uso de armas nucleares, e ao mesmo tempo, contribuiu para a existência de um paradoxo sem fim entre a utilização de armas nucleares ou o abandono das armas nucleares para a garantia da segurança internacional. Ambos os autores defendem que o conflito no ciberespaço e a emergência da IA vieram a agravar os dilemas de segurança já criados pela existência de armas nucleares, o que levou posteriormente, Henry Kissinger, em conjunto com Graham Allison, a defender que os governos de Washington e Pequim devem trabalhar juntos sobre o controlo das armas equipadas com a tecnologia da IA (Kissinger & Allison, 2023), numa lógica de colaboração semelhante aquela que foi praticada entre EUA e a União Soviética durante a Guerra Fria.

Em semelhança as abordagens defendidas pelo empreendimento e uso de armas nucleares, a tecnologia da IA pode também ser instrumentalizada, quer para uma governação eficiente, quer para vigilância invasiva. Estas situações são possíveis de ocorrer, uma vez que o processo de extração de dados e realização de análise é comum para ambos os casos. Quando os sistemas de IA são exportados, existe a possibilidade de os dados armazenados nos servidores do sistema serem utilizados para obter vantagens políticas sobre o país anfitrião, ou não. Os sistemas de IA podem ser instrumentalizados para condicionar o comportamento social, ma-

nipular as opiniões populares, assim como modificar as respostas da população através da manipulação dos dados.

Em relação à problemática do dilema regulatório da IA, o seu sucesso da não é julgado pelo algoritmo que utiliza, mas pelo resultado. Se a regulação for feita com base no resultado, perdem-se muitos elementos que estão ocultos, tais como a variedade de dados que a plataforma/sistema está a adquirir dos utilizadores, de forma voluntária ou involuntária; o tipo de inferências que pode obter a partir de correlações desconhecidas; e o tipo de modelos preditivos que é aplicado. Estas questões podem ser resolvidas se a regulamentação for aplicada à conceção de algoritmos de Inteligência Artificial, de acordo com os autores.

Todavia, verificamos que a tecnologia da IA é controlada por algumas elites políticas e empresariais, o que leva os autores a colocarem a questão sobre as tentativas regulatórias em contribuir para produzir sociedades mais justas. As mesmas não irão dotar os Estados com capacidades ainda mais intrusivas na vida das pessoas? Para os autores, o controlo político é incerto, tal como o progresso social da comunidade humana que habita dentro de um determinado Estado.

Devido ao aumento dos casos de notícias falsas e da violência associada, o aumento do pensamento rígido da multidão é visível e perceptível em todo o mundo. Estas incidências vão aumentar cada vez que a informação disponível na Internet for tendenciosa ou os resultados da pesquisa forem manipulados para fins políticos. Numa situação em que o público está mais dependente da IA para obtenção de informação e para o seu processo de tomada de decisões, e esta permanece sem regulamentação. A interrogação dos autores sobre a propagação da desinformação e os esforços para a combater se serão inteiramente confiados à IA torna-se uma questão a ser objeto de discussão futura urgente.

Sobre a governança da IA, os autores evidenciam que todas as decisões sociais e políticas são assentes na lógica e nos juízos humanos, derivados da experiência dos indivíduos na condução da sua vida social, e pelo Estado relativamente à conduta socioeconómica e sociopolítica da sociedade. Com a IA, é garantido que os mode-

los preditivos e a sua interpretação de dados partilharão a agência humana.

No entanto, os seres humanos poderão não tomar decisões de forma independente da IA, com seus algoritmos preditivos, uma vez que estas passariam a desempenhar um papel maior no processo de tomada de decisão humana. A sociedade humana, onde as capacidades humanas são consideradas inferiores às das máquinas, onde a IA contribuir para ajudar a impulsionar a investigação científica e o desenvolvimento tecnológico, e onde a limitação do tempo de ecrã se torna um atributo importante dos pais, já é uma realidade está a chegar ao quotidiano de cada um de nós.

Todas as discussões sobre se a IA é boa ou má são discussões prejudicadas. Neste momento, outras grandes potências como a Federação Russa e a República Popular da China estão a trabalhar para moldar o desenvolvimento da IA, e instrumentalizar a tecnologia de acordo com as suas necessidades estatais, uma vez que os seus principais debates geopolíticos internos que estavam ancorados nas armas nucleares já mudaram o seu foco para IA, assim como os EUA. Portugal e os restantes Estados-Membros da União Europeia não podem deixar-se ficar para trás, e têm de procurar continuar a avançar nas discussões da regulamentação da IA, num enquadramento comunitário, uma vez que sozinhos correm o risco de serem ultrapassados e condicionados pelas grandes potências.

Esta obra oferece um relato claro do impacto da IA na arena da política internacional, ao abranger perturbações sociais, desigualdades e o crescente dilema de segurança entre os Estados, com o recurso aos exemplos mais relevantes.

Na lógica da geopolítica da IA, esta obra descreve como as

grandes potências como os EUA e a China estão a instrumentalizar a oportunidade oferecida pela IA para expandir a sua influência global. Os autores pretendem desafiar os leitores a refletirem sobre as abordagens regulatórias da IA, ao mesmo tempo, lembrando que a dinâmica geopolítica existente no sistema internacional é semelhante ao paradoxo da corrida armamentista que se centrou em torno das armas nucleares que marcou a Guerra Fria.

Esta obra permite chamar atenção dos leitores para o impacto que a IA já está a ter na nossa sociedade, o que tinha sido alertado anteriormente por autores como Susskind (2018) e Bostrom (2014). A possibilidade de a Inteligência Artificial ser politicamente perturbadora, ao ponto de se transformar numa ferramenta aliada do *sharp power* das grandes potências, como a China e a Rússia, que procuram sempre retirar vantagens sobre a assimetria existente entre democracias liberais e regimes autoritários (Walker, 2018).

Referências bibliográficas

- Bostrom, N. (2014) *Superintelligence - Paths, Dangers, Strategies*. New York. Oxford University Press.
- Kissinger, H. A.; Schmidt, E., & Huttenlocher, D. (2021) *A Era da Inteligência Artificial e o nosso futuro humano*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.
- Kissinger, H. A. & Allison, G. (2023) The Path to AI Arms Control. In *Foreign Affairs*, 13 de outubro de 2023. <https://www.foreignaffairs.com/united-states/henry-kissinger-path-artificial-intelligence-arms-control>.
- Susskind, J. (2018) *Future Politics: Living Together in a World Transformed by Tech*. New York. Oxford University Press.
- Walker, C. (2018). What Is "Sharp Power"? *Journal of Democracy* 29 (3), 9-23. <https://doi.org/10.1353/jod.2018.0041>.